



REDE DE ESTUDOS ANDINOS: ARTES, LITERATURAS E CULTURAS ANDINAS EM PERSPECTIVA

ANDEAN STUDIES NETWORK:
ANDEAN ARTS, LITERATURES AND CULTURES IN
PERSPECTIVE

In memoriam Óscar Colchado Lucio

Carla Dameane Pereira de Souza¹
Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia

Romulo Monte Alto²
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

Betina Sandra Campuzano³
Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de Salta

O Grupo de Pesquisa Rede de Estudos Andinos reúne, oficialmente, desde 2017, um grupo de pesquisadores oriundos de Instituições de Ensino Superior nacionais e internacionais. A proposição de um grupo nacional de estudos andinos nasce do desejo de materializar uma iniciativa de trabalho em rede em

¹ E-mail: carladameane@gmail.com.

² E-mail: romulomontealto@gmail.com.

³ E-mail: betinacampuzano@gmail.com.

torno de um tema comum: a região andina do continente latino-americano. Em 2022 o grupo celebrou seus cinco anos de existência, vinculado ao CNPq. Uma das ações que visam celebrar a sua atuação no âmbito na pesquisa em território brasileiro, porém com abrangência internacional, é a publicação deste Dossiê. Nele, reunimos distintos artigos dos pesquisadores abrigados no grupo de pesquisa Rede de Estudos Andinos, mas também de pesquisadores externos ao grupo, cujos artigos dialogam com questões afins aos Estudos Andinos e Amazônicos e suas linhas de pesquisa.

Recuperando a memória do grupo, como um lugar de discussão, a Rede de Estudos Andinos chega ao começo de sua adolescência, trajeto pavimentado por dez anos de atividades acadêmicas e culturais. Criada no XIII Congresso Brasileiro de Hispanistas, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2014, esta rede, constituída por estudiosos brasileiros e estrangeiros, está dedicada à organização e divulgação dos estudos literários e culturais que se realizam no Brasil e no exterior sobre a região andina do nosso continente. Ao longo desses anos nos reunimos em três colóquios. Em 2015 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2017, na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e em 2019, novamente teve a UFMG como sede. Foram publicados dois dossiês em revistas acadêmicas: na revista *Caracol* (n. 9, jan-jun 2015), da Universidade de São Paulo e na *Caligrama Revista de Estudos Românicos* (2020. vol. 21 n. 1) da UFMG. Ao longo de quase uma década, inúmeros seminários e defesas de monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado foram realizados, fomentado o debate entre os pesquisadores deste grupo. Estudos e encontros que se realizaram do norte ao sul do país, em universidades como a Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade de São Paulo

(USP), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade Federal da Integração Latino-Americana UNILA e a Universidade Federal do Rio Grande (FURG), além de outras instituições que escapam a nossa memória, entrelaçando e unindo colegas dedicados à região andina. Além disso, no âmbito internacional, temos estabelecido férteis diálogos com universidades estrangeiras e relações de cooperação através de grupos de pesquisa, como é o caso da Universidad Nacional Mayor de San Marcos através dos grupos *Discursos, representaciones y estudios interculturales* – EILA e *Estudios Andinos de interculturalidad: Quechua y Aymara* – Esandino, da Universidad Nacional de Salta (UNSa) e da Universidad Nacional de Jujuy (UNJU), através do *Ayllu de Estudios Andinos del Noroeste Argentino* e da *Red de Estudios en Fronteras Andinas*.

Através desses diálogos foi possível propor, organizar e apresentar os leitores com o conjunto de artigos que compõem este dossiê. Para a análise dos textos recebidos, membros de Rede de Estudos Andinos e colaboradores externos foram convocados a formar uma comissão científica especializada nos temas discutidos em cada um dos trabalhos submetidos. Em ordem alfabética, agradecemos às e aos pareceristas Ana Júlia Marko (PUCP), Aymar de Llano (UNMdP), Claudia Luna (UFRJ), Denise Pedron (UFMG), Fabrício Trindade (UFMG), Dani Velázquez (UFBA), Daniel Andrés Carillo Jara (Muhlenberg College), Eleonora Frenkel Barretto (UFSC), Gonzalo Espino Relucé (UNMSM) Julio Noriega (Knox College), Ligia Andrade (UNILA), Mauro Mamani Macedo (UNMSM), Meritxell Hernando Marsal (UFSC), Nécker Salazar (UNMSM) Marcela Kabusch (UNC), Mario Vilca (UNJU), Raquel Ortega (UESC), Rogério Mendes Coelho (UFRN), Silvina Carrizo (UFJF) e Tereza Pereira do Carmo (UFBA).

Este dossiê está dedicado a Óscar Colchado Lucio, escritor peruano que esteve de visita na UFMG, em 2010. Está dedicado a ele por seu trabalho na divulgação de uma cultura e uma literatura historicamente *ninguneada*, tanto

entre as grandes editoras, como entre os grandes meios de comunicação em seu país e no exterior. Seria gratificante se pudéssemos tê-lo conosco novamente, para ver com seus próprios olhos, como a semente que plantou em nosso meio floresceu e deu numerosos frutos. Em seu nome invocamos a memória de todos e todas que trabalharam para que os estudos andinos sejam uma realidade viva, que atravessa regiões e se manifesta como uma força presente na cultura contemporânea.

Agradecemos, por fim, aos autores e às autoras dos artigos que compõem este dossiê. São trabalhos que refletem a heterogeneidade de temáticas, de perspectivas teóricas dentro da crítica literária e de outras disciplinas, como à antropologia ou às artes cênicas, inerentes ao campo dos estudos andinos. São trabalhos que expõem resultados de pesquisas em processo de desenvolvimento ou já concluídas. São textos que, em língua portuguesa ou castelhana, trazem reflexões atuais sobre o estado da arte desse campo de saber a partir do qual nós, organizadores deste número, encontramos uma oportunidade ímpar para celebrar as produções andinas e amazônicas, os saberes plurais, as diferentes cosmo percepções de mundo.

Este dossiê se revela uma ocasião propícia para realizar um inventário do devir e das atualizações das abordagens que, desde diferentes regiões do Brasil e do continente latino-americano, se realizam sobre o complexo campo que denominamos “estudos andinos” e “literaturas da região andina”. De certo modo, estas denominações incorporam um período longo de debates que ainda hoje segue aberto, exigindo sua ressignificação à luz dos novos mapas geopolíticos. Sem dúvida, elas se inscrevem dentro dos postulados inaugurais, como os de Ángel Rama em *Transculturación narrativa en América Latina* (1984), os de Antonio Cornejo Polar, a partir da categoria de totalidade contraditória (1983), ou de Ana Pizarro e sua proposta teórico-metodológica presente em *La literatura latinoamericana como proceso* (1985); também os encontramos nas palavras de

Zulma Palermo e Elena Altuna sobre a delimitação das regiões culturais e literárias (1992), a partir da experiência do Noroeste argentino. No entanto, longe de conclusões ou términos, a área andina e sua produção simbólica continua sendo na atualidade objeto de controvérsias e novas perspectivas, demandando o registro das novas poéticas e narrativas que falam das lutas das memórias ancestrais e contemporâneas.

As disputas da memória da violência política recente e os avanços na direção de uma reflexão cidadã e dos direitos humanos; as variáveis que introduzem a materialidade da memória no corpóreo e no performático; a sempre complexa relação entre a escrita, a oralidade e a imagem, através dos relatos orais e suas transcrições; a interação entre saberes ancestrais dos Andes e a medicina moderna do Ocidente; os contatos culturais entre as regiões andinas e amazônicas em suas literaturas; os rizomáticos processos de tradução linguística e cultural; os tempos largos que marcam continuidades e rupturas entre a colônia e a modernidade; o aparecimento dos feminismos e das dissidências sexuais no campo de luta, são apenas algumas das questões que atualizam o campo dos estudos andinos.

Por isso, este dossiê, sem a pretensão de exaustão ou totalizações, torna-se uma oportunidade para inventariar e sistematizar — de modo provisório e incompleto, como acaba sendo todo mapeamento — as preocupações da crítica dedicada aos estudos andinos no século XXI. A partir dos artigos aqui reunidos, procuramos esboçar as seguintes linhas de força que atravessam a área na atualidade: em primeiro lugar, as narrativas andinas e suas articulações; a seguir, o corpo e as performances transculturais; e finalmente, a poesia quéchua contemporânea.

Em relação à primeira, entendemos que o enunciado “narrativa andina” evidencia um modo de sistematizar as discussões do campo que, por décadas, insistiram nas tensões entre uma narrativa *criolla* representada pela escrita

vargallosiana, em contraposição a uma andina, que se inscreve como continuidade da fundacional escrita arguediana. Por essa razão incluímos neste grupo a proposta de Ananda Nehmy de Almeida, com o artigo “Transculturização Narrativa, etnografia e performance em *Los Ríos Profundos*”, que recupera tanto a inevitável relação entre a proposta teórica de Ángel Rama e a escrita etnográfica de José María Arquedas, como as estreitas vinculações entre *Los ríos profundos* com as figuras dos *retablos* ayacuchanos. Em seguida, um diálogo possível com esta proposta se revela no artigo “Mestiços, índios e senhores: entre dançantes e retábulos. Projeções da escrita etnográfica de José María Arguedas em testemunhos contemporâneos”, de Betina Sandra Campuzano, que incorpora uma nova discussão sobre a obra etnográfica arguediana, ao analisar as matrizes culturais e suas projeções nos textos da violência política no século XXI como resultado do interesse pelos *retablos* e dançantes de tesouras como testemunhos visuais.

Da mesma maneira, tanto os estudos referidos à narrativa de Oscar Colchado Lucio, como a de Oswaldo Reynoso, revelam novas articulações de uma narrativa andina que, longe dos projetos criollistas, se inscrevem no mundo andino e/ou na fala de rua limenha. “Entre memórias e cosmogonias andinas: *Rosa Cuchillo* e o ativismo literário de Óscar Colchado Lucio”, de Jirlaine Costa dos Santos e Carla Dameane Pereira de Souza revisita o contexto da violência peruana recente, ao mesmo tempo que enaltece a cultura andina e suas manifestações ancestrais, a partir da pesquisa tanto da tradição oral e dos contos de almas em *Rosa Cuchillo*. No texto “Oswaldo Reynoso e Narración: reflexões sobre a nova narrativa peruana”, Lara Poenaru articula a nova narrativa peruana de Reynoso e do Grupo Narración com a produção literária latino-americana dos anos de 1960 e 1970, abordada por Antonio Candido, procurando evidenciar o debate ideológico do grupo, o compromisso com a escrita e a afirmação do testemunho e sua crítica.

Com relação à segunda linha de força que propomos, o corpo e as performances transculturais, encontramos um setor da crítica que busca aprofundar nas formas de transmissão da memória a partir das materialidades e das corporeidades, tal como sugerem algumas abordagens como os estudos performáticos de Diana Taylor, por exemplo. A eles, optamos por acrescentar o adjetivo “transculturais” por um motivo evidente: as negociações que se estabelecem no traslado dessas memórias entre diferentes universos socioculturais, os quais demandam certos marcos interpretativos específicos. Assim, em seu ensaio “Los (D)efectos de la Coca. Disrupciones formales y sensoriales en *El Pez de Oro* de Gamaliel Churata y *Coca* de Mario Chabes”, Matías di Benedetto analisa a articulação entre as substâncias e as rupturas vanguardistas, atendendo aos usos estéticos que recebe a folha da coca em dois autores, Churata e Chabez. A reformulação da herança indigenista, a representação estigmatizante e os limites interpretativos do higienismo eurocêntrico se conjugam numa leitura que recorre a uma pluralidade teórica para abordar estas articulações.

Também neste grupo inscrevemos o texto de Ana Julia Marko, “Conhecer o Mar, conhecer o mundo. Talleres de Niños e o Voo Contracorrente”, no qual ela revê os cinquenta anos do Grupo Cultural Yuyachkani, com um teatro interessado na discussão sobre memória e esquecimento. As batalhas das narrativas dissidentes, as artes integradas, as oficinas para crianças e o resgate das memórias familiares ancestrais são temas abordados nesta proposta. No artigo “Corpo e Memória em Poéticas Transfronteiriças de Vicuña e Bueno”, de Eleonora Frenkel, o objetivo geral do texto é aproximar as poéticas de Cecilia Vicuña e Wilson Bueno em razão de seu aspecto transfronteiriço, marcado pela mescla de línguas originárias ameríndias e coloniais em suas composições. Corpo e texto, performance e os processos de tradução se fazem presentes nesta proposta, que recorre a escritores pouco abordados pela academia e também ao

diálogo dos autores latino-americanos com os brasileiros. De igual maneira, “La narrativa andina sobre la Virgen de la Natividad de Susapaya-Tarata”, de Teresa Torres, pretende incluir no corpus da literatura peruana as manifestações andinas da tradição oral do sul do Peru, referidas aos eventos das comemorações da Virgen de la Natividad de Susapaya, para o qual recorre às categorias andinas de *manqhapacha*, *alaxpacha*, *yanantin* e *tinku*, que conformam as poéticas locais e resignificam os ciclos míticos.

Finalmente, o terceiro grupo que aqui inventariamos, a poesia quéchua contemporânea, reúne duas propostas que, sem dúvida alguma, estão enfocadas sobre os processos nos tempos de larga duração: por um lado, “Presença do Quéchua e do Tahuantinsuyu na Literatura Amazônica - A Coletânea *Harawinchis*”, de Priscila Borges e Rômulo Monte Alto; por outro, “Poesía quechua contemporânea: rupturas y persistencias de la heterogeneidad virreinal”, de Pedro Martín Favarón Peyón. O primeiro se refere à presença quéchua do Tahuantinsuyo na literatura amazônica, tratando da relevância da política andina e da presença do Inca nas culturas e cosmovisões amazônicas. O processo dessas produções e suas traduções, os aportes de Gonzalo Espino e os conceitos críticos e teóricos nos quais se sustentam, são alguns dos temas discutidos por Borges e Monte Alto. O segundo texto também adota um olhar processual para se referir às continuidades do projeto literário andino entre o período do vice-reinado e o contemporâneo que, por sua vez, distingue entre a poesia indigenista e a poética migrante. Oralidade e escrita, estratégias ocidentais e conhecimentos ancestrais, tradução e bilinguismos revelam os complexos intercâmbios aos quais se dedica Pedro Favarón.

As linhas de leitura que aqui oferecemos são apenas possibilidades de ingresso aos textos e a um resumido estado da arte dos estudos andinos no século XXI; estudos que, do mesmo modo que a rede da qual descende sua gênese, revelam uma produtividade do campo referido aos Andes e sua sempre dinâmica

constituição que atravessa o Brasil e a América Latina. Trata-se, sem dúvida, de um caminho que, como o que empreende Rosa Cuchillo com seu cachorro Wayra, levará os leitores por inusitados trajetos que significam buscas, embates e traslados entre os mundos.

Desejamos a todas e todos, uma excelente leitura

Carla Dameane, Rômulo e Betina.